

UNIDADE OU PLURALIDADE SINDICAL

AÇÃO DIRETA

Director: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO VII — N.º 89

Rio de Janeiro, Outubro e Novembro de 1953

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA PORTAL 4.588

A posição anarquista em face do importante problema da unidade ou pluralidade sindical

POR JOSÉ OITICICA

O INTEGRALISMO RONCA



Por uma fatalidade dessas que descem do além, como dizia Castro Alves, veio-nos as mãos um periódico de título verde-oliva, integralista já se vê, de nome A Marcha. A gatinha integralista, como seus pares nazistas, tem cabeça dura. Apanha de criar bicho, e dada por morta, mas a diaba ressurgiu com quantos fôlegos lhe permitem suas partes com o diabo. Pois se vem o totalitarismo viciante, vitorioso em quase toda Sul América e em Cuba e na Espanha, em todo o mundo bolchevista! Que diabo! Eles também têm barriga e precisam comer.

O mais espantoso na grei do Salgado é persistirem na adoração ao seu messias, mau grado o papelão de 37, quando certíssimos estavam de que Plínio iria dominar o Brasil engulindo Getúlio pelas pernas! Ora o Plínio!

Agora Plínio é catolicíssimo! Segundo anuncia A Marcha, em cabeçalho verde-oliva, Plínio Salgado falou aos estudantes da Universidade Católica de São Paulo, no dia 3 de agosto. Um sucesso! A conferência versou, diz o periódico, sobre a última frase de um livro do chefe nacional: Psicologia da Revolução. A luminosa frase é esta: "A ordem — equilíbrio de forças, harmonia de movimentos — nós só a conseguiremos pondo ordem nacional" E A Marcha a glossa essa idiotíssima frase segundo a qual: a ordem só se consegue pondo ordem!!!

A Marcha resumiu a conferência do Salgado, porém nós, já um tanto esquecidos dos dois sonetos espalhados por todo o Rio, quando a rasbura do Gêgê liquidou o integralismo a tal ponto, que passou de A. I. B. para A. B. C., fomos ao nosso arquivo e os lemos gostosamente, diz gostosamente, que desejamos transcrever-lhes aqui por serem quase desconhecidos hoje.

Eis o primeiro:

Foi um zumzum feroz no galinheiro!
Chegara a hora H e o chefe bamba,
Com tanto galinhaço no poleiro,
Faz o Gêgê dançar um samba.

Mas, Gêgê, galo velho de terreiro,
Que sabe de que lado a roda camba,
Foi deixando que o Hitler brasileiro
Forjasse, alvorçado, a sua moamba.

O choque, até dá pena confessá-lo,
Parecia vitória em toda a linha...
Mas, na hora fatal, foi grande o abalo...

Pois, quando o Sigma todo, em torno à rinha,
Cria ouvir seu herói cantar de galo,
Ele saiu cantando de galinha...

Eis o segundo:

Olá! meu caro Plínio, estás salgado
Com a balana mestraça do Gêgê!
Parecias um Príncipe Esperado
E agora de A. I. B. és A. B. C.

Eu te supunha cabra quilotado
E és mais arisco que uma zabelê!
Hoje que o teu balão está furado,
Que fazes? Ninguém te ouve, nem te lê?

Quem dantes via a crista que sustinhas
Jurava que eras trunfo e bambambão!...
Pêso pesado, braço, trinca-espinhas!...

Calcula que tremenda decepção
Quando o fêmeão verde das galinhas
Viú que tu não és galo e sim... capão!

Nota — Já não nos lembra o novo nome que tomou a A. I. B. quando Plínio, apavorado com a ação fulminante de Getúlio, dissolveu a Ação Integralista Brasileira que passou, segundo o soneto, a A. B. C. Tendo nós perguntado a várias pessoas o significado destas três siglas, um integralista desiludido, sorrindo, respondeu-nos: Ação Brasileira Cabotina.

Não sabemos se é mesmo; mas, não lhes iria mal.

PERON E EVA ESPIÕES NAZISTAS

ESTUPEFACIENTES REVELAÇÕES DO EX-DEPUTADO SILVANO SANTANDER

Data vênica, traduzimos de C. O. A. S. I. (Comité Obrero de Acción Sindical Independiente de Argentina, hoje no exílio, as seguintes informações, sem nenhum comentário, publicadas em seu número de 10 de agosto de 1953.

Em Montevideu publicou-se o livro Técnica de uma traição. Juan D. Perón e Eva Duarte, agentes do Nazismo na Argentina, cujo autor Silvano Santander prova, com documentos fidedignos que, já antes da revolução de 43, o então coronel Perón, atual ditador do país argentino estava a serviço do totalitarismo alemão, por dinheiro, e atraía sua pátria e a classe trabalhadora desta, sobre a qual emitia o conceito com que hoje a submete a sua fécula.

C. O. A. S. I. tem plena fé nos documentos cujas cópias autenticadas publica o autor e entende que os governos em cujas mãos está o controle

dos mesmos devem dá-los a conhecer oficialmente. O sindicalismo livre de todo o mundo prestará um serviço à causa operária argentina e a sua própria causa acompanhando-o nesta exigência.

O AUTOR

Silvano Santander foi deputado no Parlamento Argentino. No auge do nazismo alemão foi membro da Comissão Investigadora de Atividades Anti-argentinas, designado pela Câmara a que pertencia e distinguiu-se nela por sua incansável defesa da democracia. Irrômpida a revolução de 1943, perdidos seus foros parlamentares, foi preso nas masmorras da ditadura. Posteriormente em liberdade, teve de buscar asilo em Montevideu porque de novo o buscavam para aprisioná-lo. Quando a técnica do Coronel Perón deu apa-

rência de eleições livres à Argentina, voltou Santander e de novo ocupou a representação popular na Câmara dos Deputados. Sua insistência ali na defesa da democracia, na denúncia dos peculatos da ditadura e na investigação dos vínculos das personagens proeminentes do regime com o nazismo alemão, puseram-lhe em perigo a vida e teve de fugir novamente para o Uruguai. Aqui, vem sustentando intensa campanha de esclarecimento, a qual culmina com a publicação dos documentos que foi examinar pessoalmente em Berlim, há muito pouco tempo.

Cumprir aditar sobre esse caso que, na sessão celebrada aos 2 de setembro no senado uruguai, o legislador do Partido Nacional (Nacionalista), doutor Víctor Haedo, expressou a necessidade de que o governo designe al-

(Continua na 4.ª pag.)

FRANCO TORTURA

DEPUTADO SOCIALISTA EXIBE UM COVARDE INSTRUMENTO DE SUPLÍCIO NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE S. PAULO

O Diário Oficial do Estado de S. Paulo, em seu n.º 160, de 21 de julho deste ano, publica um discurso do deputado estadual Cid Franco. Transcrevemo-lo na íntegra para melhor apreciação do leitor.

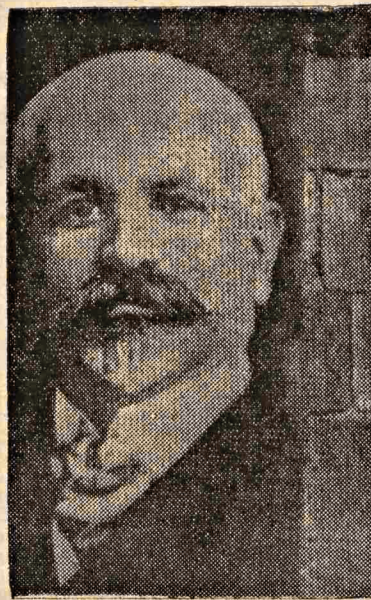
O Sr. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Cid Franco. O Sr. Cid Franco — Sr. Presidente, e srs. deputados. Em 15 de outubro de 1952, falou nesta Assembléia, pela boca de um marquês, seu embaixador, o governo fascista espanhol. O governo de Franco. O governo fascista que destruiu, pela violência, com o auxílio de Hitler e Mussolini, a legitimidade republicana e a continuidade constitucional na Espanha. O governo totalitário que aniquilou o governo republicano, expressão autêntica da maioria do povo, regime político livremente escolhido pelos espanhóis, da última vez que puderam manifestar-se livremente.

Com armas alemãs e italianas realizando experiências de guerra total como aquela de Guernica, localidade bucolica onde se conservavam todas as tradições da Biscáia e que ficou transformada numa fogueira imensa, Franco destruiu o governo democrático, nascido de uma livre consulta à vontade popular, e instalou o seu regime.

Sr. Presidente e srs. deputados, sabido último, espanhóis republicanos, espanhóis democratas, espanhóis livres, reunidos numa assembléia que foi um símbolo de fé no ideal antifascista, entregaram-me um dos instrumentos que estão sendo usados pelo governo de Franco para arrancar as confissões dos seus adversários.

Aqui o tenho. Podem vê-lo os representantes do povo nesta Assembléia. É uma joelheira de ferro, com

agudas pontas viradas para cima. O inimigo do totalitarismo de Francisco Franco, do regime instaurado na velha Espanha com o auxílio da selvageria nazi-fascista, o inimigo da brutalidade desse governo de tração deve ajoelhar-se nas enxovias da Falange, sobre estes espinhos de ferro.



FRANCISCO FERRER

Fuzilado em 1909, na Espanha, por defender a Escola Livre

Ergo bem alto em minha mão. (O orador exhibe a joelheira) — para que toda a Assembléia o veja, o covarde instrumento de suplício. Neste recinto foi aplaudido, em 15 de outubro de 1952, o embaixador do Governo simbolizado pela crueldade destas pontas de ferro.

A representação socialista não o aplaudiu. Retirou-se do Plenário. Quando a Presidência anunciou a visita do marquês, eu, que me encontrava na tribuna, assim falei: "Sr. Presidente, interrompo meu discurso de socialista democrático para que esta Assembléia, que se afirma também democrática, possa receber o enviado do regime cuja descrição foi feita, não apenas por mim, mas por alguns dos maiores vultos dos nossos dias, entre eles o escritor católico Georges Bernanos e o grande escritor norte-americano Upton Sinclair. Vem a este Plenário o representante do fascismo espanhol. Retiro-me, como o socialista".

Depois, voltei à tribuna e concluí a dissecação do regime franquista. Sr. Presidente e srs. deputados, foi o embaixador desta joelheira (o orador exhibe a joelheira) foi o embaixador deste instrumento de tortura, foi o embaixador destes espinhos de ferro que a Assembléia Legislativa de São Paulo recebeu e aplaudiu.

Esta máquina de dor não poderia ser exibida em parlamentos da Espanha. Exibiu-a como deputado brasileiro, graças à coragem de libertários espanhóis que a fizeram atravessar o oceano e a confiaram às minhas mãos.

Eram estas as palavras que pretendia dizer, Sr. Presidente. E era este o instrumento criminoso e covarde que eu devia exhibir nesta Assembléia.



CARTA DE PAZ SOCIAL

POR JOSÉ GOMES CARDOSO

A imprensa divulgou há dias a Carta de Paz Social, acompanhada de um comentário do Sr. João Daudt d'Oliveira, o que nos permite fazer pequeno comentário sobre seus onze princípios.

Visa a estabelecer um "entendimento" entre o Capital e o Trabalho, isto é, entre classes patronais e classes trabalhistas.

Nada de novo. Apenas sugestões mil vezes feitas e problemas mil vezes conhecidos, que só esperam quem os resolva. Vamos comentar os trechos que mais nos interessam. O seu artigo 2.º reza:

"O capital não deve ser considerado apenas instrumento produtor de lucro, mas, principalmente, meio de expansão econômica e bem-estar coletivo. O trabalho é um direito de cada um a participar na vida social e um dever de para ela contribuir com o melhor de suas aptidões, assegurando aos trabalhadores um salário que lhes garanta uma existência digna, sã e eficiente" (sic).

Apesar da pouca clareza estamos de acordo, pois esse princípio parece fugir ao erro em que tem incidido a mentalidade burguesa de todo o mundo. Capital não é causa, mas efeito. Efeito do trabalho, pois os palácios, templos, bancos e indústrias, todas essas expressões capitalistas que abarrotam as arcas argentárias, não são construídas com pilhas de dinheiro nem surgem do chão mediante um milagre divino, mas são fruto da eficiência muscular e mental do trabalhador, sem o qual não existiriam. Nada mais justo, portanto, que o capital seja aplicado no bem coletivo, beneficiando seus autores. O segundo trecho melhor ficaria se estatuisse o trabalho como obrigação que a todos competisse sem exceção, de forma que evitasse o parasitismo sob todos os seus aspectos.

O Artigo 4.º dispõe sobre a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, atual aspiração do proletariado em geral. Mas, sob a forma de "benefícios sociais", pois como explicou o Sr. João Daudt d'Oliveira, a participação sob a forma de gratificações não tem dado os resultados esperados.

Este dispositivo parece ocultar o intuito de salvaguardar os pingues lucros das empresas, contra a participação nas dos trabalhadores. Não tem dado os resultados esperados e explica-se: as gratificações são pequenas, uma parcela insignificante dos lucros.

Haja vista, por exemplo, os bancários, que participam dos lucros das empresas e, trabalhando nas arcas do capitalismo, deveriam ser os trabalhadores mais bem aquinhoados. Entretanto, com única exceção dos que trabalham em dois ou três bancos, todos os demais percebem salários insignificantes. Sua participação é de quantias equivalentes a 1, 2, 3, no máximo 5 por cento.

Se os "benefícios sociais" actua mencionados, forem da mesma proporção, ou sob a forma de caridade propagandista, como ora se faz, podem os trabalhadores muito bem passar sem eles. E em que consistem:

"O trabalhador receberá a sua parte nos lucros da empresa a que servir em realizações, que melhorem seu conforto e propiciem cultura e diversões úteis, atualmente fora do alcance de suas possibilidades" (o grifo é nosso).

O proletariado, através de seus sindicatos e institutos de seguro social, vinham realizando um muito bom pro-

grama de benefícios, antes que o regime grata Dei encerrado em 29 de outubro, os transformasse em instrumentos de propaganda política.

Preferimos a participação sob a forma de gratificações, aumento de salários e quinquênios, e que aquelas entidades voltem a assumir o seu verdadeiro papel, que desempenhavam antes de 1937.

Não podemos encerrar com otimismo uma Carta de Paz Social, que, visando embora a um "entendimento" entre duas classes, não estabelece uma equidade de direitos entre ambas, com série de deveres claros e implícitos recaindo somente sobre os trabalhadores, além disso, com intuitos que mal se disfarçam sob a transparência da letra. Para tanto, vejamos mais este item:

"Aos empregados, como contribuição efetiva à obra de congraçamento e cooperação que se tem em vista, caberá, individual e coletivamente, empregar todo o seu esforço no melhoramento da produção, e cooperar, por todos os meios ao seu alcance, no plano de expansão econômica do país. Para isso, procurarão mais especialmente: a) — contribuir, com ação adequada, no sentido de ser reduzida ao mínimo possível a instabilidade no emprego e a falta de assiduidade no trabalho; b) — evitar desentendimentos, prejudiciais à cordialidade que deve existir entre patrões e empregados ou trabalhadores entre si; c) — zelar pela conservação das instalações das empresas e dos instrumentos de trabalho... etc."

Isso se parece com o regulamento interno de qualquer fabriqueta, mas não é necessário muito raciocínio para verificar que esse princípio, mormente sua alínea "b", visando a evitar desentendimentos, confere aos empregados, conforme a interpretação, o direito de interferir nas convicções políticas de seus empregados e até colir sua livre manifestação, como acontece atualmente em vários bancos e indústrias.

Então os empregados são os únicos a provocar desentendimentos? Por acaso não vemos querelas e até greves, astuciosamente provocadas pelos empregadores, a fim de criar crises e situações?

O direito de greve é formalmente condenado no item "9", que aqui vai, por nós grifado:

"Empregadores e empregados cooperarão para que os dissídios sejam resolvidos primeiramente nas comissões mistas sindicais da localidade e, em geral, quaisquer direitos sejam reivindicados por meios pacíficos, condenando-se formalmente todo recurso à violência."

Sem greve, como podem os proletários lutar por suas reivindicações, quando a burguesia só cede à violência?

O silêncio da Carta a respeito do direito de reclamar, liberdade de palavra e de consciência do trabalhador e liberdade sindical é suspeito. Lamentamos sua indiferença sobre o dever dos empregadores, de instalar suas indústrias em prédios limpos, arejados, higiênicos, ao invés dessas pocilgas que são a quase totalidade de nossos estabelecimentos fabris, onde a tísica e a sífilis reduzem de 30 por cento a eficiência do trabalhador.

Estamos caminhando para a democracia (supomos) e a Carta de Paz Social, se não quiser ser uma antinomia, deverá esperar um pouco, a fim de sofrer a necessária revisão.

Sabatina Libertária

RESPOSTAS FORNECIDAS PELA REDAÇÃO DE "A PLEBE" AOS SEUS LEITORES

B. A. escreve-nos, de Niterói, uma carta cheia de interesse pelo anarquismo, demonstrando acompanhar nossas iniciativas.

Li o órgão anarquista "A Plebe" e resolvi escrever-lhe. Nutro certa simpatia por vossa concepção, falta-me, entretanto, maiores esclarecimentos a respeito de vários aspectos dela.

Qual o conceito anarquista sobre nacionalidade? Existiriam nações? Como seriam organizadas suas relações? Internamente, quem e como puniria (ou corrigiria) os elementos nocivos à sociedade? pois creio que estes não desaparecerão tão cedo. O homem ainda não está educado e por isso seria necessário um estágio. Esse estágio não seria exatamente a sociedade socialista?

Li algo acerca das colônias em Israel. Seu princípio é coletivista, pois não?

A respeito da nota sobre o livro "Histoire de L'Anarchie" pergunto: existe outro em outro idioma português ou espanhol?

Proporia que se estudasse a possibilidade de publicação em folhetos, ou mesmo em "A Plebe" das conferências proferidas no Centro de Cultura So-

cial, das quais tomei conhecimento pelas notas aparecidas neste jornal. Estou muito interessado principalmente pelas conferências relacionadas com a arte. — B. A.

O livro indicado ainda não foi publicado em outro idioma. Foram publicados outros desse gênero mesmo na França e em outros países, historiando, porém, o movimento anarquista e anárquico-sindicalista de determinados países. Agora, anuncia-se, ainda em França, uma obra de caráter geral, abrangendo o movimento de todos os países. De feição internacional, há uma antiga obra, em francês, historiando a bibliografia anárquica.

Muito acertada sua sugestão sobre a publicação, em folhetos, das conferências realizadas no Centro de Cultura Social, já se tendo, em seu seio, cogitado disso, não sendo posta em prática tão útil iniciativa por dificuldades materiais.

Sobre o nacionalismo, publicamos um artigo, em nosso n.º 2, que lhe enviaremos, nele condensando o nosso ponto de vista, tratado suficientemente em livros, que lhe vamos indicar.

Os anarquistas consideram a humanidade como constituindo uma única

família, tendo o mundo como patria comum. Pugnam para unir a humanidade numa comunidade única, fraterizada em populações autônomas, formadas por livre determinação, influenciada, por impetivos naturais e reunidos, pelos laços do livre federalismo, desde a pequena comuna rural até o distrito, o município e a zona, através de regiões e continentes.

Como se procederia com os elementos nocivos à sociedade? Esses elementos são produtos desta mesma sociedade. São vítimas de anomalias sociais. São efeitos maléficos de uma causa danosa, oriunda da estrutura viciosa da organização social, baseada na exploração e na tirania, provocando a luta entre os homens.

Modificando-se as bases da sociedade de acordo com princípios de equidade, desapareceriam as causas dessas anomalias e suas vítimas r manescentes seriam confiadas à ação dos cientistas.

Para que estabelecer estágios para acabar com o mal? Acaso os homens não se adaptariam ao que é bom, se pudessem libertar-se do que é mau? Estas colônias libertárias de Israel, citadas pela amigo, são um exemplo do que afirmamos.

PARA UM MUNDO MELHOR E MAIS HUMANO

EU ACREDITO NAS SOLUÇÕES LIBERTÁRIAS

POR MANUEL PERES

Há perto de 40 anos eu conhecia os princípios fundamentais do ideal anarquista, e conheci esse ideal sublime e profundamente humano graças às lições de um velho mestre, um dos melhores marxistas da época, o qual, além de ensinar-me o Ofício, procurava com carinho destruir a ignorância em que eu vivia com relação aos problemas sociais.

Após o almoço e nos minutos que restavam para o retorno ao trabalho, ele lia, acompanhando a leitura com explicações e argumentos, folhetos de Malatesta, Pietro Gori, Anselmo Lorenzini, Carlos Caffero e outros pensadores do anarquismo, e essa leitura foi o raio de luz que havia de guiar-me no futuro, para lutar ao lado de outros impacientes pela conquista de um mundo melhor e mais humano.

Analisando a situação dos trabalhadores, a sua vida miserável, trabalhando de sol a sol, para conseguirem um salário mesquinho e insuficiente para atenderem às necessidades do lar, eu compreendi que o anarquismo era a única doutrina que encarava com energia e sentido construtivo o árduo problema da transformação social.

E então comecei a acreditar nas soluções libertárias para a conquista de um mundo melhor.

Naquele tempo — princípios do século — o regime republicano era considerado muito avançado pelos defensores do sistema monárquico, já que, em toda a Europa, apenas existiam duas repúblicas e estas eram a Confederação Suíça e a que tinha como base os chamados — Direitos do Homem e do Cidadão — a República Francesa.

E o mundo ficou alarmado quando, em outubro de 1910, surgiu a República de Portugal, tendo na sua vanguarda homens de espírito progressivo como Teófilo Braga, Guerra Junqueiro,

Magalhães Lima, Afonso Costa Brito Camacho e Manuel de Arriaga, e recordo-me bem de que o meu velho mestre, que por certo era português de origem, contrastando com o otimismo de outros colegas, afirmava com convicção profunda:

— Meu caro Peres, Portugal não ganhará nada com o novo regime, pois, mesmo governado por homens de espírito mais ou menos livre, e com as pequenas liberdades políticas que a constituição oferece ao povo, tudo vai continuar na mesma pois fica de pé o Estado e, com ele, a exploração do homem pelo homem, o princípio de autoridade e desigualdade social; por conseguinte, continuamos acreditando no anarquismo como única solução."

Mestre Antônio — esse era o seu nome — morreu pouco depois de terminar a guerra de 1914-1918, e eu, que nunca esquecerei os seus ensinamentos, acompanhando passo a passo os acontecimentos sociais e políticos do mundo, compreendia como ele tinha razão no seu pessimismo com relação às transformações políticas e na confiança absoluta nas soluções libertárias. Nem a chamada Revolução Russa, nem a social-democracia alemã, nem o trabalhismo inglês, que governaram a Europa depois da terrível carnificina, modificaram nem humanizaram a vida do homem. A mesma tirania, a mesma exploração, porque o socialismo da Alemanha e da Inglaterra e o comunismo da Rússia deixaram de pé o Estado e, existindo Estado, não pode existir socialismo, comunismo, ou liberdade.

Chegou a guerra da Espanha, provocada pelo ataque brutal do fascismo internacional, e os trabalhadores, orientados pelos anarquistas, responderam à agitação com energia, pondo em marcha a verdadeira transforma-

ção social, sem Estado e sem política. A primeira vez na história humana, demonstraram sua capacidade para dar solução aos seus próprios problemas.

As indústrias e o transporte, sem chefes e sem capatazes, dirigidas por um Comitê nomeado pelos próprios trabalhadores, continuaram a sua marcha progressiva e a produção aumentava porque cada trabalhador sabia que era necessário vencer o inimigo, e, para vencê-lo, a arma mais poderosa era o trabalho consciente e fecundo.

As terras, em poder dos camponeses, foram transformadas em Coleti-vidades Agrícolas e, nessas coletividades, todos tinham os mesmos direitos e deveres e todos podiam cumprir amplamente as suas necessidades trabalhando de acordo com a sua capacidade profissional e física, e completando essa obra maravilhosa, era prestada toda assistência aos velhos e enfermos e educação à infância, pois, além de escolas, existiam teatrinhos e cinemas para alegrar os pequeninos; tudo isso em plena guerra contra o pior dos inimigos: o Fascismo.

A indústria foi socializada pela C. N. T. e, em cada bairro da cidade, foi instalado um armazém confederal nos quais os trabalhadores podiam adquirir os móveis de que necessitavam para seus modestos lares, os quais, antes da socialização, careciam de todo conforto e comodidade.

Em todas as cidades não dominadas pelo fascismo foi aumentado o número de escolas, todas elas dotadas de material adequado e professores competentes numa demonstração vementede de amor à cultura e à inteligência.

E o capitalismo internacional, esse capitalismo que jamais acreditou, na capacidade construtiva dos trabalhadores para solucionar os seus próprios problemas, rendeu-se perante a realidade e, vendo em perigo os seus privilégios, trabalhou sem descanso pelo triunfo de Franco, sacrificando covardemente um povo que lutava, com dignidade e heroísmo, para conquistar a sua liberdade.

Se um povo que dispunha apenas de um terço do seu território conseguiu resistir, durante três anos, aos ataques do fascismo internacional, que não teria feito triunfando sobre os seus inimigos e instaurando na Espanha o verdadeiro socialismo?

Eu que vi de perto a obra fecunda do anarquismo, pois vivi em cidades onde o dinheiro nada representava porque o intercâmbio de produtos era uma realidade, o que demonstra que o comunismo literário deixou de ser uma utopia, acredito hoje, mais que nunca, na capacidade do anarquismo para solucionar os problemas humanos.

Pena é que muitos elementos intelectuais, que afirmam sentir grande amor à liberdade, julguem que o anarquismo deve ser discutido apenas no terreno filosófico esquecendo que este ideal é uma doutrina de caráter profundamente social e humano. E, a todos eles, eu reafirmo com energia e entusiasmo:

— Eu acredito nas soluções libertárias.

O Estado é dos Graúdos

O repórter reduz tais alegações a zero e pespega fotografia de pilhas de caixas de azeite existentes no Cais do Pôrto e conclui sua demonstração com as seguintes declarações que pedimos vênica para transcrever:

A PARTE DO LEÃO

Vamos agora ao item quarto. O azeite francês e italiano vendido pela COFAP a 28 cruzeiros representa uma parte dos 20% retidos pela Comissão Federal de Abastecimento e Preços. Outra parte desses 20% vai juntar-se os 80% que ficam em poder das firmas financiadoras da importação. Exemplo: a 17 de julho, o "Lóide Venezuela" trouxe de Lisboa duas mil caixas, marca COFAP e consignadas à COFAP; pelo "Lóide Canadá", em 30 de julho, chegaram de Lisboa dez mil caixas, sendo quatro mil Vata Saloio para a COFAP e seis mil marca Palácio-Primo, à ordem; pelo "Lóide Chile", em meados de agosto, chega-

ram três mil caixas para a COFAP. De todo esse azeite a COFAP ficou com 20%, ou sejam três mil caixas. Como houvesse descontos na rua do Acre, a COFAP vendeu uma parte desse azeite a atacadistas descontentes, para que não gritassem, à razão de 48 cruzeiros a lata, limitando o lucro desses comerciantes em 15%. Portanto, o azeite francês e italiano que figura nas barracas da COFAP a 28 cruzeiros é somente para dourar a pilula. Os beneficiários do grosso da importação, Grilo Paz, Santos Soares, A. Tavares, Monteiro Ramos, Zamponi Filho, não tiveram limitação em seus preços de venda, que subiram de 63 a 68 cruzeiros para os varejistas, que ainda tinham que tirar lucros acima disso nas vendas ao consumidor.

TABELAMENTO CLANDESTINO

Finalmente, o item cinco. Como vimos no item acima, se não há tabela-

mento oficial nas barracas da COFAP, há um tabelamento por baixo do pano, baseado na famosa fórmula CDL, isto é, custo, despesa e lucro.

Em resumo, a COFAP custou a vir com um desmentido, mas quando veio foi o mais infeliz possível.

E agora, sr. coronel Hélio Braga, inventamos os papéis e recebe a COFAP, uma informação que deveria ter partido da COFAP aos jornais: vários comerciantes se propõem a vender azeite português, francês, italiano e espanhol a preços bem menores que os dos postos da COFAP, sem fazer distinção de procedência e ainda por cima pagando direitos.

Isto, é claro, se a COFAP, como órgão oficial da carestia, não atrapalhar.

Como se vê, um órgão criado pelo Estado para ser favorável ao povo, só por ser criação do Estado já se vira contra o povo. É fatal! E ainda há cegos no mundo!

A Igreja Católica em Decadência

CAMPANHA CONTRA A SEITAS ESPÍRITAS E PROTESTANTES — HÁ APENAS 7.000 PADRES NO BRASIL — UMA DIOCESE NA BAHIA ONDE 40 PARÓQUIAS SE ACHAM SEM VIGÁRIOS — NENHUM MOÇO, HOJE, TEM VOCAÇÃO PARA PADRE

Em O Jornal de 30 de agosto passado, estourou uma bombinha. Digo bombinha porque a Igreja costumava, quando as coisas lhe corriam bem, estourar bombas atômicas, muito antes dos ciclotrons. A Igreja era impetuosa, virulenta, condenatória, excomulgante. Releiam, por favor, o Syllabus de Pio IX, o paranoico papa que declarou, nesse documento, ser o socialismo a maior peste moderna.

Correram os tempos. A Igreja sempre esbravejou, furibunda, contra o espiritismo, alto ou baixo, que lhe tem aberto e vai abrindo tremendas clareiras no rebanho. A Igreja, mau grado Pio IX, fez as pazes com o socialismo excomulgado, virou socialista-cristã, de absolutista que sempre fora, apurando, com o tempo, não ser o tal socialismo democrático coisa muito outra que o monarquismo tradicional. Para a gente do capital, é tudo o mesmo mel. Só as moscas mudam!

Entretanto, com o espiritismo e as macumbas fia-se mais fino! O movimento espírita e ubandista não é do Estado, é do povo e, se o povo, desiludido da confissão e das hostias, corre para as sessões ou para o terreiro, lá se vão as raízes mesmas do catolicismo, acaba-se a fonte monetária das igrejas; missas, extrema-uniões, casamentos escasseiam; esmolas e subscrições minguam lamentavelmente; vai-se a freguesia de santos, imagens, bentinhos escapulários, livros de missa, velas, cirios, etc. etc. A burra da igreja vai-se desgracidamente esgotando e... como sustentar padres e o resto?

D'af o agodamento, as mãos na cabeça, o que fazer? dos dirigentes brasileiros da desfalcadíssima casa comercial. Falta de fregueses significa falência da firma.

Ora, o evidente, em tudo isso, é a destruidora concorrência do espiritismo, de qualquer grau, no Brasil. E agora, já não é o baixo povo adorador de Iemanjá, frequentador das macumbas, multiplicador das sessões espíritas doutrinantes ou curadoras. Agora, acorre a terreiros, tendas, auditórios cardécistas, toda uma população grã-fina e já não há rebusos na confissão de sua qualidade de espírita.

Desde muito, esperávamos o estouro da padralhada contra a perigosíssima concorrência. Todavia, esperávamos ataque em grande estilo, com pelotões cerrados, grossa artilheria, alucinantes prédicas, potentíssimas missões por

esse Brasil ingrato e perdido... perdido para a Igreja.

Ora, qual não foi o nosso espanto, ao lermos, em O Jornal, a declaração de guerra!

Supúnhamos a Igreja armada de chamejantes tições, minacíssima, perorante e erguida nas tamancas tradicionais disposta a varrer, de Vera-Cruz, hoje Brasil, a multidão incrédula, renitente no cardécismo e no ubandismo!

D'cepção atroz que a mente esmaga! Tracemos estas linhas de O Jornal: "Terá execução, em todo o país, a campanha contra as seitas espíritas e protestantes, decidida pelos bispos recentemente reunidos em Belém do Pará. A ação da Igreja, porém, será meramente apostolar, esclareceu o cônego Távora falando ontem à reportagem de O Jornal".

"Será, continua o cônego, uma campanha de esclarecimentos e advertên-

cia aos católicos acerca da verdadeira natureza herética do Protestantismo e do Espiritismo. Nosso objetivo é esclarecer as consciências católicas para livrar suas consciências de mesclas de outras crenças".

Pouco nos interessam, é claro, protestantes e espíritas. Apenas reconhecemos-lhes o direito de serem o que são e crerem no que quiserem. Concomitantemente, não reconhecemos na Igreja Católica nenhum direito de impedir que alguém seja protestante ou espírita. O que nos interessa bem de perto é o tom mansinho, conciliatório, maternal com que a Igreja, pela boca blandiciosa do cônego Távora, vem falando aos povos. A Igreja está calma, já não berria, não tonitruava, não amola facas, não acende brasas, não manda para o inferno em décima classe! Nada disso! Está boazinha, mamãezinha, acariciante!

Evidentemente, alguma coisa está

passando, cousa seriíssima, tão séria que muda o tom normal, categórico, autoritário, ameaçador, cuidado com Ela! tom tradicional na Igreja.

A explicação não-la dá o próprio cônego Távora na entrevista a O Jornal. Transcremos ipsis litteris: "Nossa carga de responsabilidade, tanto em manter as tradições católicas, como em melhorar as condições espirituais do nosso povo já é imensa, num país onde há falta de clero, como no Brasil. Basta que se saiba, para se ter uma idéia dessa falta, que, nos Estados Unidos, para 36 milhões de católicos, há 45.000 padres, afora a massa de seminaristas. No Brasil, para 52 milhões de habitantes que, em sua quase totalidade se dizem católicos, há apenas 7.000 padres, não havendo esperança de aumentar consideravelmente o número de sacerdotes. Há uma diocese na Bahia onde 40 paróquias se acham sem vigários".

Isso quer dizer, que cada padre teria de cuidar de 7.000 católicos e fração, ao passo que, nos Estados Unidos cuidaria apenas de 800.

Esse o tremendo problema! Esse o pavor da Igreja! Esse o reconhecimento de sua acabrunhante fraqueza e irremediável morte!

Dai sua mansidão postica! E o cônego Távora confessa: "Não há esperança de aumentar consideravelmente o número de sacerdotes". Esse consideravelmente é força de expressão! Não há esperança alguma!

Muito ao contrário! Há, somente, certeza absoluta da decadência nesse número. Nenhum moço, hoje, tem vocação alguma para padre católico. Nenhum deles pode crer mais nas pavorosas mentiras do catecismo ou da história sagrada, nos milagres dos santos, nos dogmas incríveis, na assunção da Virgem e absurdos de tal calibre. Logo, a Igreja está condenada, no Brasil, a fechar seus templos muito breve. Muito breve, não são quarenta paróquias, serão todas as paróquias fechadas. Só há um recurso para prorrogar a queda final: criar sacerdotisas com poderes de sacerdotas: dizer missa, confessar, comungar, etc. Surge, todavia, o superpavoroso problema: não casar!

Como se vai sair a Igreja da entalada não nos interessa! Mas, que está soando o fim, está!

E que seja o mais breve possível! Já vai tarde!



NOTÍCIAS DE PORTUGAL



SALAZAR, O JESUITA

Lisboa, Setembro — Divulga o jornal clandestino "Portugal Livre": "A P. I. D. E. (Gestapo lusitana) assaltou, há poucos dias, em Coimbra a residência do conhecido militante anarquista José de Almeida, que recentemente, com 62 anos e a saúde para sempre arruinada, regressara do campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde esteve confinado por treze anos. Os esbirros remexeram tudo, chegando a levantar as tábuas do assoalho, à procura de Jornais do Brasil e do livro, recentemente editado no Rio de Janeiro, "Assim Cantava um Cidadão do Mundo", coletânea de poemas filosóficos e satíricos de sabor boicagano, da autoria do poeta português Roberto das Neves, exilado no Brasil, poemas que, quando aqui publicados isoladamente, levaram o autor treze vezes às masmorras do Santo Ofício. Enraivecidos por não encontrarem o que procuravam, os mastins da P. I. D. E. transportaram para o seu antro a biblioteca da vítima, cerca de 500 livros e valiosas coleções de jornais, uns e outros legalmente editados. Parte venderam na os beaguins em benefício próprio e a outra parte destruíram-na em hitleriano "auto-de-fé".

No meio dos papéis apreendidos pela Polícia, encontrava-se o prefácio duma obra com o título "Bibliografia do Movimento Anarquista em Língua Portuguesa", produto de longas e pacientes pesquisas de José de Almeida em vários anos e cujo original, segundo estamos informados, fora remetido, dias antes, para França, a fim de, em cumprimento duma decisão tomada no último congresso mundial anarquista, ser dado à publicidade. Pr-tendendo que o prefácio da referida obra será o original dum manifesto anarquista a editar clandestinamente, preparavam-se os esbirros para conservar preso o conhecido militante libertário. Salvou-o de nova prisão a seguinte inscrição, que José de Almeida fizera no reverso da primeira página do aludido trabalho: "Para publicar quando a liberdade raia de novo em Portugal".

movimento Sindical

UNIDADE OU PLURALIDADE SINDICAL

POR JOSÉ OITICICA

O golpe da peronização do Brasil preparava-se lindamente e ainda não se conjurou de todo, por ser da índole totalitária a persistência nos seus planos dominativos. Plínio Salgado sobrevive, a Igreja Católica não perde razão, o comunismo não se cansa. Vive Perón, vive Franco, vive Batista, vivem todos os ditadores da América Latina, e o Brasil, na pessoa de Getúlio, é vivo exemplo da tiririca tenaz. Capina-se o chão, mas a diaba volta! Tudo porque a capina é sempre superficial e, para extirpar a praga, impõe-se a revolução do solo, desde as profundidades.

Descoberto o plano peronizante, aliado Wainer, alertada a imprensa, a alma danada mudou de rumo, ou antes, não cessou a sua trama nos setores outros que a imprensa. Tenta firmar-se mais nos sindicatos. O ministro do trabalho põe, nas direções destes, operários do P. T. B., dispondo dos sindicatos como cousa legitimamente sua, sua por lei, pois as leis trabalhistas da ditadura getuliana permanecem todas no regime democrático de hoje. Todas as demais leis, caído Getúlio, se mudaram. Mudou-se a Constituição; mas nenhuma disposição totalitária, referente aos operários, se alterou. Fez-se novo Estatuto para o funcionalismo, restauraram-se os direitos de reunião, de comício, de imprensa; porém, não se tocou na situação dos sindicatos, escravizadinhos, como antes, ao Ministério do Trabalho, sujeitos à polícia e à cartela sindical. Mais do que tudo, o regime sindicalista ainda é o dos países totalitários: sindicato único, dirigido pelo Ministério do Trabalho.

Sim! porque o característico mais alto, mais frisante, mais evidente do totalitarismo é o Sindicato Único dirigido pelo governo. Invenção soviética, logo dele se apossou Mussolini, logo o adotou Hitler, logo o foram consagrando todos os ditadores subsequentes.

Em qualquer país totalitário, é único o sindicato de cada indústria e sujeito ao governo seu único dirigente.

Isso perceberam agora, só agora, alguns elementos, apavorados com a peronização abortada da imprensa, qual a revelou o caso Wainer. Por isso clamam pela pluralidade sindical ante as manobras bem visíveis do Ministério do Trabalho. Na Câmara dos Deputados, alguém alertou os liberais sobre a necessidade de arrancar os sindicatos as mãos do governo completando, assim, a obra de desmonte do getulismo contumaz, teimoso, renitente. E há projeto para tal desvinculamento.

Liberdade Sindical! Ótimo! Todos no Brasil, menos os totalitários, fascistas ou comunistas, a reclamam aos berros.

Surge, porém, uma questão, levantada, evidentemente, por elementos totalitários ante a quase certa liberação dos sindicatos. Para tal questão, queremos nós, anarquistas, chamar a atenção dos trabalhadores.

A questão é esta: Sindicato livre, único? ou sindicato livre, múltiplo? Terá cada ramo de trabalho um só sindicato ou mais de um?

Nós, de AÇÃO DIRETA, bradamos aos trabalhadores que não se deixem iludir com a manobra dos totalitários brancos, verdes ou vermelhos!

LIBERDADE SINDICAL IMPÕE SINDICATOS MÚLTIPLOS!

O sindicato único, embora com o nome de livre, é uma linda presa para políticos totalitários. Um partido político, de qualquer cor, pode, habilmente, eleger uma diretoria sua e exercer domínio absoluto sobre os grupos minoritários de outros partidos e sobre os apartidários isto é, sobre os trabalhadores que clamam pela não admissão de elementos políticos no meio dos trabalhadores.

Sindicato operário não é partido po-

lítico. É órgão de defesa do trabalhador contra o capitalismo, representado pelo patrão e pelo Estado.

Ora, os políticos, de qualquer partido, são a pior praga, a pior saúva do monturo Estado. São os políticos meros testas-de-ferro dos grandes empresários, donos das riquezas criadas pelos trabalhadores, dispostos nas câmaras legislativas, especialmente para elaborar leis opressivas do trabalhador e colocar, nos bons lugares do funcionalismo, parentes e amigos. Os capitalistas: os Matarazzos, os Jafés, os Láfers, os Lodis, os Chateaubriands, os Ademares, os Luzardos, os Geúlios, todos esses donos das riquezas do Brasil, ajudados pela horda dos políticos esfaimados e ambiciosos de mando, são, por natureza, por definição mesma, os mais adestrados inimigos do trabalhador. Infiltram-se, para melhor dominá-lo, nos seus sindicatos, em suas casas de defesa a fim de, com lábias promissoras, verborragia barata, caçar-lhe os votos. Com esses votos, encapritam-se nos poderes, nos cabides de empregos e daí nos negócios, negociações e negociações.

A lei primeira dos Sindicatos é esta: **NAO TOLERAR POLITICOS** de qualquer categoria.

O Sindicato cuida dos interesses dos trabalhadores; os políticos cuidam dos interesses deles mesmos e do Estado. Os políticos são, pois, inimigos natos dos trabalhadores.

Em 1912, estavam os sindicatos do Rio e de S. Paulo entregues aos políticos. Foi nessa data que se inaugurou a séria campanha contra eles. Foram expulsos, no Rio, os Vicente de Sousa, os Irineus Machados, os Evaristos de Moraes, os Nicanores do Nascimento, a caterva toda, de modo que os sindicatos, em 1918 podiam dizer-se imunizados contra essa malária.

Desgraçadamente, por inesperienza, outros sordidos potiqueiros, disfarçados em trabalhadores e revolucioná-

rios, insinuaram-se nos sindicatos e, aproveitando-se das perseguições atrozadas aos anarquistas no quadriênio de Bernardes, apoderaram-se dos sindicatos e logo neles passaram a exercer tremenda ditadura. Quando, em 1925, saiu Bernardes, os anarquistas, dispersos pela tormenta, foram regressando e encontraram os sindicatos, na maioria, dominados. Os anarquistas ficaram em minoria e as diretorias sempre dominadas pelos ditadores. Empenharam-se os anarquistas na luta e conseguiram f-los derribando, esclarecendo os trabalhadores, até que, desmascarados, entraram a constituir sindicatos fictícios e a vociferar, a esbravejar, a promover greves idiotas, desmoralizando-se cada vez mais.

Para esses, como para os totalitários de toda casta, o ideal é o sindicato único, porque saem que a pluralidade sindical permite a criação de sindicatos apolíticos, sindicatos seus adversários intransigentes, alertadores dos operários.

Em regime, dito democrático, não é possível impedir que uma fração do operariado, descrente dos políticos, leigos ou religiosos, sejam, obrigados a militar entre eles sem poder esclarecer os escravos do trabalho.

Demais, onde há verdadeira liberdade sindical, há os sindicatos de ofícios vários. Nestes se reúnem trabalhadores de numerosas indústrias cujo número, em cada uma, é insuficiente para manter um sindicato autônomo. Esses sindicatos são utilíssimos e sempre vigoraram no Brasil antes da calamidade getuliana!

Trabalhadores! Não trepidéis em rejeitar a Unidade Sindical. Voltemos à era anterior à nefasta ditadura de 37. Para a liberdade sindical! e, para ser esta completa, a pluralidade sindical!

Continuaremos.

SÍNTESE DA INFORMAÇÃO DO COMITÉ NACIONAL DA C. N. T. SOBRE A REPRESSÃO EM BARCELONA

Os detidos em Barcelona, por motivo do descobrimento do tipógrafo do periódico sindicalista clandestino *Solidaridad Obrera*, foram selvagemmente torturados pelos franquistas nos aposentos da Chefatura Superior da Polícia. Dois deles, chamados Longas e Madrilles, enlouqueceram em consequência das torturas.

O último teve de ser internado no Manicômio de S. Baudilio. Frutuoso Grenalido Moreno foi também horrivelmente torturado. Entre os detidos, além dos citados, encontram-se: Edgardo Emilio Rodriguez, José Pérez, Carmen Cadomeque, António Arpal Jarion, Dionísio Romero, Fernando Gallego, José Herbera Tosan e outros oito sindicalistas da C. N. T. Depois de alguns dias de detenção nos lugares de tortura, foram trasladados para o Cárcere Modelo de Barcelona, acusados de organização clandestina, e deverão comparecer ante um tribunal civil ou militar. Nenhuma arma foi encontrada com esses homens e nenhum deles pôde ser acusado de atos de violência. Só, o protesto internacional poderá impedir que esses homens da C.N.T. sejam condenados em regime totalitário como o de Franco.

NOTA. AÇÃO DIRETA junta seu protesto; mas certa de que só terá valor quando as classes trabalhadoras do mundo livre retomarem consciência da sua força, consciência perdida no decorrer das duas grandes guerras.

FIGURAS DO ANARQUISMO

Nasceu em Iassy (Romênia) no dia 2 de março de 1895, mas, logo depois, mudou-se a família para Piatra-Neamtz, nos Cárpatos. Desde a infância ensurdeceu quase totalmente e isso deve ter contribuído para seu enclausuramento, solidão e estudo. Realmente, desde cedo, começou a ler os livros da biblioteca paterna e frequentar os grandes clássicos antigos e modernos. Não admira, pois, que houvesse publicado, aos 18 anos, em 1913, seu primeiro livro. O triunfo do não ser, série de fantasias; em 1914 poesias com o título A loucura e, no mesmo ano, Sol nascente, misto de esboços e lendas em torno do vulcão Fuji-Yama. Ao bacharel-se, vai a Constantinopla, Ásia Menor e Grécia, regressando a Romênia pouco antes da grande guerra de 1914. Ingressa na escola de arquitetura de Bucareste, a que o impeliu seu pendor para o desenho e prática arquitetônica com um parente construtor.

Com a invasão alemã de 16, comandada pelo general Mackensie, emigra Relgis para o norte, voltando a Iassy. Convocado para a guerra, mas odiando-a, prevalece-se de sua surdez para contrariar as ordens de comando. E' por isso encarcerado e posto em observação para verificar se é exata a alegação de surdez. Apurada ela, é desmilitarizado.

Prossegue, então, em seu pendor literário. Em 1915, saem novas Poesias e poemas em prosa Melodias do silêncio (1916). Horrificado com os martírios humanos da cruel guerra, funda, em 1920, a revista Humanidade, mas a censura a suspende meses depois. Entra em contacto, então, com o grupo francês Claré, chefiado por Barbuss, com a Federação Internacional de Artes, Letras e Ciências, de Banville d'Hostel e a Internacional dos Resistentes à Guerra, secretariada por H. Runham-Brown.

Em 1921, começa a sua faina humanitarista escrevendo Principios humanitários, os quais foram traduzidos em numerosas línguas e onde já se mostram suas convicções libertárias. Em 1922, publica O humanitarismo e a Internacional dos Intelectuais, onde firma os mesmos princípios anarquistas para eles chamando a atenção dos trabalhadores intelectuais, tão afastados, por incompreensão, dos trabalhadores manuais.

Em 1923, funda o primeiro grupo humanitarista a que aderem personalidades como Han Ryner, Max Nettlau, G. Fr. Nicolai, Pierre Ramus, Barthélemy de Ligt, Stefan Zweig, Auguste Forel, Fabio Luz, Upton Sinclair, Rabindranath Tagore, etc.

Empreendeu viagens para assistir a vários congressos pacifistas de após-



EUGEN RELGIS

guerra. Essas viagens nasceu o livro Peregrinações européias (1923) com entrevistas de famosos escritores da Europa. Já em 22, publicara A literatura da guerra e a da Nova Era, estudo so-

bre o belicismo e pacifismo. No mesmo ano de 23, sai A coluna entre ruínas; em 24, uma trilogia de novelas Petru Arbore. Em 1925, contrapõe, em Humanitarismo e Socialismo, suas idéias ao mundo social. Em 1926, traduz a notável obra de Nicolai A biologia da guerra. Em 1926, sai Humanitarismo bíblico onde colige o que na Bíblia representa humanitarismo. Em 1927 aparecem as Vozes em surdina, traduzidas em francês como o título Miron le Sourd, romance interior. Em 1928, publica Caminhos em espiral. Nesse mesmo ano, na Brochure mensuelle sai um livro seu em francês: Um livro de Paz e mais A Internacional Pacifista, correspondência com Romain Rolland, tentativa de agrupamento dos intelectuais pacifistas dispersos. Em 1929 edita Os Caminhos da Paz, resposta de trinta e sete personagens romenos ao inquérito internacional por ele promovido sobre a paz. A resposta dos franceses foi editada em 1936 e o conjunto com o título Wege zum Frieden, editada em alemão, foi queimada pelos nazistas em 1934.

De 28 a 29 funda a revista O pensamento livre que prossegue de 29 a 30 com o título de Humanitarismo. Em Viena, sai, em 31, O humanitarismo e o serviço geral de alimentação. Na revista francesa de Armand L'En-dehors, publicou, em 32, Humanitarismo e individualismo. Em 32, ainda, saem As amizades de Miron. Em 1934, compara humanitarismo com eugenia no livro Humanitarismo e Engenharia. Publica, em francês, em 1935, o livro Cosmometápolis, análise das idéias de Follin, Lanty e Olet.

Estava em Paris quando rompeu a segunda grande guerra. Volta subitamente à Romênia e aí padece os horrores da ditadura de Antonescu, dos nazistas depois e, depois, dos russos.

Confiscam-lhe a casa e poucos haveres e a muito custo, conseguem escapar aos ditadores.

Em 1945, publica poesias sociais e mecanicistas, Corações e moedas, Colóquios com grandes europeus e Romain Rolland. Em Eros e o 3.º Reich estuda a patologia psicossocial do nazismo. Em 1947 sai sua notável obra História sexual da humanidade e, logo depois, Dez capitais.

São numerosas suas traduções, de Nietzsche, Zweig, Selma Lagerlöf, Hansum, Nicolai, Armand, Ludwig, Wasserman, etc. etc. Inúmeras suas conferências em romeno, francês e espanhol.

Dada a situação terrível da Romênia bolchevizada e acedendo ao chamado do grande anarquista argentino Rodolfo González Pacheco, foge a fugir da Romênia e encaminha-se, após uma estada em Paris, para a América do Sul. Radicou-se no Uruguai onde adquiriu cidadania e prossegue escrevendo abundantemente.

Desejando conhecer algo do Brasil e para repousar um pouco, aqui esteve esse grande companheiro. Dele ouvimos três conferências. Relgis veio com sua companheira e seu filho, arquiteto domiciliado em Buenos Aires. Aquel, firmou Relgis contra o com editoras brasileiras para publicação em português de três obras: O homem livre ante a barbárie totalitária, Miron, o surdo, e História sexual da Humanidade. Os três livros estão sendo traduzidos pelo companheiro José Otília.

NOTA de AÇÃO DIRETA. Os dados dessa biografia foram colhidos na revista Zenit e são mero apanhado de arquivado trabalho do companheiro V. Muñoz.

NOSSAS VERDADEIRAS FESTAS

POR EUGEN RELGIS

transcorrido e conquistar o favor do iniciante com palavras convencionais e gestos altruístas. Como se torna em vão a palavra d'Aquêle que nasceu entre animais, para revelar ao homem sua própria divindade! Como se profana por sabões, ruas e até locais de oração e na imprensa, uma festa de recolhimento, renovação e confraternidade!

Façamos silêncio! agora que o alvoroço da riqueza desenfreada e da força orgulhosa afoga o suspiro do sofrimento humano aqui e de todas as partes, de ontem como de amanhã. Não queremos ocultar a crua verdade da injustiça do ódio e da necessidade que torturam as almas e o corpo dos que forjam, na ignorância e na miséria, os presentes da árvore de Natal

da luxúria e da vaidade. As festas de hoje pertencem a Baco e Priapo, por muito que se fale em Jesus, Moisés ou Buda. As festas de hoje pertencem à besta com festa numa das mãos e com a bolsa de ouro na outra, por muito que se evoque a graça e a onipotência de um Deus do mundo e do espírito. Porque, jamais esteve o homem mais longe, que hoje, da alma da humanidade e da pureza da natureza. Nunca se conheceu mais cruenta derrocada, entre as ruínas de tantos Estados e ideais culturais; jamais espezinham a guerra e a tirania tanto quanto hoje, mais cruel e desafiante, os povos, quando voamos em aeroplanos, falamos por sobre os oceanos, tentamos prolongar a vida e podemos criar, em nossos corações e sob nossa fronte, um universo plerótico dos aperfeiçoamentos dos sonhos e da sabedoria...

Façamos silêncio! nós que desejamos ver e anunciar, em todos os dias de trabalho, a verdade da vida e do amor!

— nós que sabemos que a humanidade se agita, nesta terra, como se estivesse num presídio que se desmorona ao péso da injustiça e do ódio milenar;

— nós que queremos ser dignos servidores dos que apresentaram o homem com verdadeiros tesouros vivos, que só podem florescer nos corações devotos e nos pensamentos luminosos.

Nossa festa não é de Ano Novo por-

que não conhece o temporário covarde, que se aferra às serpentina do desenfreado e às cadêias da opressão;

— não é de Natal, porque queremos glorificar o nascimento do Homem através de nossa própria renovação, mediante nosso reconhecimento divino no incessante esforço da criação;

— também não é durante a Páscoa, porque nossa ressurreição é quotidiana, tais quais são as auroras, para as quais pugnamos com todas as nossas forças; tal qual é o anicitecer, que nos traz as murmurações do cansaço produtivo — os sussurros dos queoram trabalhando neste planeta, constantemente rico e constantemente empobrecido.

Nossa festa é do sofrimento e do Amor, é incessante, igual à nossa vida — dos que nos geraram e dos pelos quais nos prolongamos no porvir — e anunciamos-la mediante nosso silêncio, nos dia sem que o Ódio e a Injustiça festejem, desavergonhadas, divindades em que já não podem crer.

Os Políticos e o Povo

POR EDEART RODRIGUES

lhares de trabalhadores, a maior parte dos quais morreram, no campo de concentração e os que voltaram poucos dias sobreviveram à libertação.

Essas brutalidades da Gestapo lusitana estenderam-se aos mendigos e habitantes dos bancos dos jardins. Sempre que o país é visitado por estrangeiros, são presos e recolhidos às enxovias. Eis porque muitos jornalistas dizem que não existem mendigos no paraíso de Salazar. E' curioso que, em 1949, quando da campanha eleitoral, um anarquista militante já tuberculizado pelos maus tratos que sofrera na deportação, aproveitou a restrição liberdade para falar dos habitantes dos bancos dos jardins públicos, enquanto a begônia dorme no conforto das estufas. Mas a Gestapo obrigou-o a dizer que essa miséria era passada no estrangeiro e não em Portugal.

Isso, trabalhadores em presença de milhares de pessoas que assistem diariamente ao espetáculo deprimente da miséria dos que dormem nas pedras da calçada, das vielas imundas, onde quase não penetram os raios solares. Essas vítimas duma corrupta sociedade

capitalista e totalitária aparecem diariamente mortos nas pedras das calçadas ou sobre a relva dos jardins. Quando alguém se lembra desses frutos apodrecidos pela burocracia dos políticos como o fez Humberto Ribeiro varias, nos clubes e bibliotecas parnos seus livros "Com olhos de ver", "Um vadio", "Roubel e matel por que?" etc, é preso e seus livros entram nas fogueiras da Inquisição a cargo dos jesuítas, Manuel Murias, Botelho Muniz, Pinheiro Torres, Canceledo de Abreu, José Nosaline, e tantos outros scários de Salazar criaram ainda a implacável censura, que revisa todos os livros, jornais e revistas. A bárbara atitude desses políticos não se limitou a impedir as publicações pois faz assaltos, a mão armada, nas lictulares, roubando livros aos milhares, alguns dos quais são depois vendidos em benefício dos próprios scários.

Os sindicatos operários foram assaltados, e roubados todos os seus haveres que, só ao povo pertenciam. To-

dos os jornais operários, ou não operários que defendiam o povo oprimido, foram depredados e fechados, presos e deportados os seus principais colaboradores e saqueados os seus arquivos.

Isso em pleno século XX, trabalhadores, e numa época em que se apregoa a paz por toda a parte do mundo, ao mesmo tempo que se mantêm campos de concentração e se fabricam bombas destruidoras.

As escolas são decoradas com grandes cartazes mostrando os feitos do Estado Novo, ostentando na parede principal as fotografias de Carmona e Salazar, guardando um Cristo Crucificado no meio deles. Em vez de educarem-na, pois os livros oficiais têm mais de doutrina vaticanista que matéria de ensino que prepare os homens de amanhã. Dai saem as marchas e os cânticos de sistema fascista. Toda essa obra sangüinária dos políticos do fascismo português não é a não continuação dos métodos de Stalin, Hitler e Mussolini, hoje também seguidos por Franco, Perón e tantos outros.

Deixando os políticos extremistas para passar aos políticos com outros

rótulos, como os da América, França, Inglaterra e Brasil, verificamos que, com métodos mais pacíficos cometen os mesmos crimes. Enquanto relém artigo por artigo, "Os Direitos do Homem", suprimem as greves, torturam o povo à fome em benefício de uma minoria de tubarões, gastam dinheiro em milhões em material de guerra, quanto apregoam a paz.

Mantêm ainda os vergonhosos cêres onde torturam o povo que os elegem. Povo humilde, a vida é dura quando é livre. Para conquistar essa liberdade é preciso a união de todos os espezinhados. Reunimo-nos em grupos em torno dos nossos sindicatos e não elais francos. Todos os grupos dos políticos são falsos. Lutai para destruir os governos que são os maiores cafres. Só assim se conquistará a liberdade.

EDGART RODRIGUES

NOTA

No paraíso de Salazar, segundo estatísticas oficiais existem 39.000 tuberculosos sem assistência; 40.000 sífilis sem tratamento; 30.000 parafísicos, cegos e doenças contagiosas; 100.000 prostitutas registradas oficialmente.

Enquanto isso, gastam-se anualmente para a polícia e exército 2 milhões de escudos o que obrigou a paralisação das obras do Estado e provocou a crise.

Peron e Eva Espiões Nazistas

(Continuação da 1.ª página)

carta do capitão Niebuhr ao embaixador alemão von Faupel, aos 7 de agosto de 1943, a vinculação do general argentino von der Becke e do dr. Gache Pirán com as maquinacões nazis. Com uma nota, cuja cópia facsimilar publica, faz saber como em 1941, Niebuhr relata a von Faupel a intervenção de Eva Duarte na fuga de um dos dirigentes nazis buscados pela comissão de que fazia parte Santander. A prova fotográfica de outra carta de Niebuhr a von Faupel, aos 27 de janeiro de 1943, dá a conhecer como se manejavam os fios da próxima tomada do poder na Argentina respondendo às necessidades do nazismo alemão. A reprodução — sempre se trata de fotografia de documentos autênticos — do informe de O. Meyner, conselheiro da embaixada alemã, sobre a revolução de 4 de julho de 1943, com a data de 12 desse mês é um documento que não devem ignorar os trabalhadores livres do mundo, porque prova como atraçava a classe operária argentina esse coronel Perón, hoje considerado pelos ingênuos defensor dela.

"NAS CERAM ANIMAIS DE REBANHO"

C. O. A. S. I. pede que os governos aliados deem a conhecer oficialmente

esses documentos que se acham em seu poder. O sindicalismo livre do mundo deve acompanhá-lo em seu propósito. Assim se esclarecerá que mente o general Perón quando proclama sua fé na classe obreira. Ver-se-á, com a assinatura de Meyner, em seu informe de 12 de junho de 1943, que Perón opina: "O trabalhadores argentinos nasceram animais de rebanho e como tais morrerão. Para governá-los basta dar-lhes comida, trabalho e leis para rebanho, que os mantenham no tronco". "Isso, acrescenta, é o que teria dito o coronel Perón". E opina ao terminar a carta: "Se não me equivoco, já Mussolini empregou a expressão animais de rebanho para referir-se aos analfabetos italianos. Perón segue a boa escola".

A autenticação dos documentos achados por Silvano Santander evita toda dúvida sobre a veracidade dessas temíveis afirmações, e mais que a política obreira posteriormente executada pelo general Perón coincide com sua promessa de 1943, toda ela atufada de profundo desprezo ao povo, a que, muitas vezes qualificava com o indigno apelido de graxa, sinónimo de graxen-

to, sujo, amorfo, numa palavra, entidade desprezível.

O MITO E A REALIDADE

Constitui base de propaganda do justicialismo de Perón na América, o mito de suas relações com Eva Duarte e o pretendo sacrifício desta, após a revolução de 1943, em favor da classe trabalhadora. Haviam-se conhecido após o movimento militar, por ocasião do terremoto de San Juan e haviam-se-lhe unido românticamente numa igual ânsia de justiça para o povo obreiro. O empenho de Eva Duarte na causa tê-la levado à morte.

Os documentos autênticos que traz o livro de Santander provam, ao invés, ter sido a vinculação dessas personagens muito anterior; que ambos mantinham relações estreitas como espíes e traidores a serviço do nazismo alemão, por dinheiro; que a "diabólica" formosa, inteligente, encantadora, ambiciosa e inescrupulosa mulherita a quem o coronel Perón já pusera olho, de quem fala, em sua carta de 27 de janeiro de 1943, o capitão

Niebuhr, já fizera fugir, em 1941, da investigação a que o queriam submeter os democratas-argentinos, o nazi alemão Sanstred, vestindo-o com um uniforme do coronel Perón.

Um mito que vem a terra e uma realidade que deve abrir os olhos aos trabalhadores da América, entre os quais a tirania argentina distribui intensa campanha enganosa valendo-se da técnica nazi.

C. O. A. S. I. e Técnica de uma Traição.

O sindicalismo livre é essencialmente democrático. Os trabalhadores argentinos estão submetidos a um regime totalitário que condena ao cárcere, as torturas ou ao exílio os que combatem. C. O. A. S. I. cumpre o dever de informar sobre a documentação que prova a tração do general Perón à classe trabalhadora argentina. Pago com o dinheiro desta para defesa da nação, Perón recebe paga estrangeira para entregá-la e dominá-la. C. O. A. S. I., em sua luta, pede aos trabalhadores livres do mundo que se informem da documentação do livro de Santander e colaborem no total esclarecimento da tração.

Perón, de braço ontem e a soldo do totalitarismo nazi, ocotovelava-se hoje com o totalitarismo soviético e realiza o plano da submissão de um povo, enquanto prepara a sujeição de outros com quintas colunas antes de ir à guerra, que se não aglomos decididamente, ele desencadeará.

gum alto funcionário diplomático, judicial ou algum cidadão alheio à função pública, todos de reconhecida probidade para efetuar uma investigação nas fontes de informação de onde extraiu o sr. Santander os dados que ilustram seu livro recentemente editado. O assunto passou à comissão adequada.

O senador Haedo é velho amigo do general Perón.

O LIVRO

Apenas 120 páginas em que se reduzem os comentários ao imprescindível. Relata, em forma precisa, os esforços feitos nos últimos anos na Câmara dos Deputados para que se investigassem os fatos que denuncia. Faz o retrato de algumas das personagens nazis-alemanas que o atual governo tomou por colaboradores e subtraiu aos tribunais internacionais de criminosos de guerra: o dr. H. Theiss, o eng. Willy Tank, Hans Ulrich Rudel, Adolf Galland, Ludwig Freude. Faz apresentação dos documentos que examinou em Berlim, os quais provam como se financiava a propaganda nazi na Argentina e a intervenção direta, a soldo, de personagens do regime argentino: coronel Juan D. Perón, Eva Duarte, comissário Miguel Viancarlos, fiscal dr. Gache Pirán, general Carlos Von der Beck. Dá a prova fotográfica do documento em que constam as declarações de Schaumburg-Lippe e von Therman ante a comissão aliada em 1946 estabelecendo as quantias recebidas em certa oportunidade pelos cidadãos argentinos. Prova também com